

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



# **BOLETIM DE CONJUNTURA**

**BOCA**

Ano III | Volume 6 | Nº 18 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4947169>



## ISRAEL E O USO INDISCRIMINADO DA FORÇA

Vinicius Modolo Teixeira<sup>1</sup>

### Resumo

Este texto se interessa pelo recente confronto entre Israel e Palestinos, ocorrido em maio de 2021, fruto do histórico de conflitos que assola a região há décadas. A partir de uma breve revisão histórica de alguns fatores influentes, apontamos para o excesso do uso força por Israel como forma de manutenção de seu Estado, enquanto impede a organização de outro Estado pelos palestinos e atua na região de modo a impedir que seus vizinhos possam ter capacidades militares equivalentes aos seus. A forma com que Israel age, em desrespeito a determinações da ONU e alheio aos efeitos sobre a população palestina também são questionados nesse ensaio.

**Palavras chave:** Iron Dome, Israel, ONU, Palestina.

### Abstract

This paper is interested in the recent confrontation between Israel and the Palestinians, which took place in May 2021, as a result of the history of conflicts that has plagued the region for decades. From a brief historical review of some influential factors, we point to the excessive use of force by Israel as a means of maintaining its state, while preventing the organization of another state by the Palestinians and acting in the region in order to prevent its neighbors from being able to have military capabilities equivalent to theirs. The way in which Israel acts, in disregard of UN determinations and oblivious to the effects on the Palestinian people are also questioned in this essay.

**Keywords:** Iron Dome, Israel, Palestine, United Nations.

O conto do duelo entre David e Golias é bastante popular no mundo judaico-cristão. Sua história é contada no livro de Samuel, que narra os enfrentamentos entre os judeus e filisteus no Vale de Elá. Quando os judeus são desafiados para um combate contra o mais forte guerreiro dos filisteus, Golias, quem se apresenta é David, um jovem guerreiro em clara desvantagem física contra seu oponente. Enquanto Golias tinha uma altura que variava entre pouco mais de dois metros e quase três, a depender das interpretações, além de estar aparamentado com armadura e lança, David, se apresenta para a luta armado apenas com uma antiquada funda e poucas pedras. No entanto, assim que se inicia a disputa, a habilidade de David com sua arma acaba por derrotar o gigante Golias com um lançamento certo contra sua cabeça, que acaba degolado pelo judeu.

A história narrada tanto na Torá, como no que passou a ser chamado de Antigo Testamento da religião cristã, tem especial apelo entre seus seguidores, já que expressa uma vitória inesperada, de um jovem guerreiro contra um oponente notavelmente mais forte e preparado, sendo tomada como símbolo da fé do povo judeu e a representação da justa vitória dos mais fracos e oprimidos contra os opressores mais fortes.

<sup>1</sup> Professor do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail para contato: [falecomovinas@gmail.com](mailto:falecomovinas@gmail.com)



Esse conto é apenas um dos tantos que relatam o sofrimento e provações do povo judeu que se estendeu até a contemporaneidade, sendo que no século XX o preconceito contra esse povo na Europa viria a se transformar em uma das maiores atrocidades da humanidade, o Holocausto. Dos os anos 1930 até o findar da Segunda Guerra Mundial, os judeus seriam perseguidos no continente europeu, a começar pela Alemanha hitlerista e depois em outros territórios, com a rápida expansão das forças nazistas. Contudo, o grau e dimensão da perseguição aos judeus na Europa só viria a ser plenamente conhecido nos últimos dias do conflito mundial, quando a libertação dos campos de concentração destinados ao extermínio dessa população viria a expor esses tristes fatos.

O sofrimento do povo judeu, certamente, foi um dos maiores horrores da Segunda Guerra, já que a violência foi orientada para uma população civil indefesa, alvo de atos criminosos por suas origens e religião. Tal fato, amplamente documentado após o fim da guerra, levou as lideranças mundiais reunidas na recém criada Organização das Nações Unidas a elaborar um plano de partilha para a Palestina com vistas a garantir a proteção desse povo em um território exclusivo, levando então a criação de um Estado árabe e outro judeu. A partilha da Palestina viria a se efetivar com a independência de Israel em 14 de maio de 1948, poucas horas depois de findar o mandato britânico sob a região e em meio a uma guerra civil com os árabes, os quais se recusavam a aceitar a decisão tomada na Assembleia Geral das Nações Unidas.

Assim o Estado de Israel nasce sob o signo do conflito e também da expansão territorial, já que sua vitória na Guerra de Independência os leva a anexar outras áreas além das acordadas pela ONU, gerando a expulsão de mais de 700 mil palestinos de suas casas. Ao encerramento do conflito, enquanto a vitória israelense sobre os vizinhos árabes fortalecia o nascente Estado judaico, a derrota árabe iria significar a trágica perda de perspectiva quanto a criação e institucionalização de um Estado para os palestinos. Em parte, as causas da inexistência de outro Estado na palestina se devem à invasão do Egito e da Jordânia à Faixa de Gaza e Cisjordânia, respectivamente. Porém, a descontinuidade dos territórios palestinos e a tomada de parte deles pelos israelenses também foram decisivas para falência do projeto árabe.

Em 1967, sob a alegação de uma iminente ameaça vinda dos seus vizinhos, Israel lança a Operação Foco, dando início à Guerra dos Seis Dias. Esse ataque “preventivo”, talvez a mais bem sucedida campanha aérea já realizada, destruiu ainda em solo as forças aéreas de Egito e Síria, além de causar baixas na Jordânia e Iraque. Ao final dos seis dias de operações militares, mais uma vez Israel expandia seus territórios sobre áreas do Egito, Síria e Jordânia, anexando Jerusalém Oriental e ampliando ainda mais o ódio palestino em meio a mais uma massa de refugiados expulsos de seus lares.



Os conflitos em torno de Israel se tornariam frequentes, com a Guerra de Atrito em 1970, Guerra do Yom Kippur em 1973, invasão do Líbano em 1978 e diversas outras escaramuças entre Israelenses, seus vizinhos ou os habitantes da Faixa de Gaza e Cisjordânia. Conflitos esses que ao serem vencidos por Israel, consolidaram sua expansão territorial sobre áreas fora do Acordo de Partilha. Como comenta Iftach Spector, a opção pela perseguição do “espólio de Guerra” na forma de territórios fez perder o foco na consolidação do Estado de Israel, jogando a região em relações predominantemente de guerras e ódio (SPECTOR, 2010).

Ao passo em que os israelenses se arvoram em seu direito, reconhecido pela comunidade internacional, de existência, sobrevivência, manutenção e progresso de seu Estado, incluindo aí o desenvolvimento de modernos sistemas de defesa, Israel não permite que países vizinhos se estabeleçam da mesma forma, lhes negando o direito de desenvolvimento tecnológico e até mesmo das bases de uma estrutura estatal, interferindo politicamente e militarmente nesses vizinhos.

Além disso, o uso de ataques “preventivos” sob a alegada justificativa de ameaça ao Estado de Israel viria a se tornar uma marca das operações militares do país, com ataques contra Síria, Iraque, Sudão e Tunísia, contando sempre com a complacência dos países ocidentais. Dentre esses, os ataques “preventivos” realizados contra o Iraque, em 1981, destruindo o reator nuclear de Osirak, construído em parceria com a França, e o ataque a outro reator nuclear em construção na Síria, em 2007, demonstram as intenções israelenses de impedir que seus vizinhos alcancem capacidades nucleares e tecnológicas similares as que possui. Mesmo que a construção desses reatores não fosse destinada unicamente para a produção de energia e pesquisas científicas, a conduta israelense fere a Carta das Nações Unidas em seu artigo 51, que garante o direito de legítima defesa, porém somente ao ser atacado (ONU, 1945).

Tal conduta está orientada no que ficou conhecida como Doutrina Begin, em referência ao ministro Menachem Begin, responsável por autorizar o ataque a Osirak. Essa doutrina é há anos pensada para utilização no Irã, contra os locais em que são mantidas suas instalações nucleares. Porém, enquanto o Irã é participante do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), Israel não se limita a esse mecanismo internacional, impedindo qualquer inspeção ao seu reator nuclear, em Dimona, e à sua reconhecida capacidade de armamentos nucleares associada a mísseis balísticos, tecnologia que Israel não admite possuir e busca a toda sorte negar aos seus vizinhos.

Essa política de negação é também atuante nos limites de seu território, quando utiliza seu aparato militar contra grupos organizados na Faixa de Gaza e sul do Líbano. A estratégia de ataque “preventivo” levada a cabo contra as lideranças da Organização de Libertação da Palestina, Hezbollah e Hamas. Os ataques contra os membros desses grupos, que a priori são identificados como grupos terroristas, mas que tem forte atuação política nos territórios da Palestina e região, promove a



continuidade dos conflitos, que afeta principalmente a população palestina confinadas em Gaza e cada vez mais oprimida e expulsa de suas casas na Cisjordânia.

A expulsão de palestinos de suas residências motivou também o último confronto ocorrido no último mês de maio. As revoltas iniciadas no dia 10 de maio de 2021 tiveram início após a ameaça de despejo de famílias palestinas do bairro de refugiados Sheik Jarrah em Jerusalém Oriental, parte da cidade que cabia aos palestinos segundo a ONU, porém, foi tomada por Israel na Guerra de 1967. Sob o argumento de que os terrenos haviam sido adquiridos por judeus em 1870, ainda sob o domínio Otomano da Palestina, a justiça de Israel concedeu ganho às famílias desses judeus. “Se, de um lado, as leis israelenses permitem que judeus reivindiquem direito de propriedade às terras que possuíam antes de 1948, de outro, não concedem o mesmo direito a palestinos que eram proprietários de terras que atualmente pertencem a Israel.” (BBC, 2021).

Essa situação que acionou o gatilho da mais recente conflagração foi só mais uma dentre as diversas tomadas de terras para construção de assentamentos em Jerusalém Oriental e Cisjordânia. “Em pelo menos seis ocasiões desde 1979 o Conselho de Segurança da ONU reafirmou que estes assentamentos são "uma violação flagrante da legislação internacional" (BBC, 2021).

Em meio a ameaça de expulsão das famílias palestinas, grupos de muçulmanos passaram a protestar na Esplanada das Mesquitas, sendo fortemente repreendidos pela polícia israelense, inclusive com bombas de gás atingindo o interior da Mesquita de Al-Aqsa, terceiro lugar mais sagrado para os Muçulmanos, ativando mais uma vez a espiral de violência na região. Os grupos Hamas e Jihad Islâmica, por sua vez, lançaram salvas de foguetes contra o território de Israel, elevando ainda mais a tensão.

Apesar do total de foguetes ter ultrapassado a soma de 4300 projéteis lançados, o efeito das diversas salvas de mísseis disparados contra áreas residenciais de toda Israel, de maneira criminosa, que fique claro, causando a morte de 12 civis inocentes, foi duvidosa do ponto de vista militar. Contudo, sob a ótica de questionar os sistemas de defesa israelense e gerar prejuízos financeiros ao país, podemos entender que esses grupos foram bem sucedidos.

O sistema *Iron Dome*, que ficou famoso nos últimos dias, é a camada mais interna do sistema de defesa antimísseis, interceptando pequenos foguetes e morteiros, e o sistema *David Sling* (funda de David) atual como camada mais externa, destinado a mísseis balísticos. O *Iron Dome*, que deveria proteger as áreas residenciais do país contra os foguetes palestinos, apresentado pela mídia ocidental como altamente eficiente, foi diversas vezes superado pelos projéteis que partiam de Gaza, com efeito moral negativo sobre a *Israel Defense Forces* (IDF). Conhecendo a limitação para remunciar os lançadores de mísseis do sistema, o Hamas promoveu o lançamento de sucessivas salvas de foguetes



*Qassams*, disparando-os além do limite de recarregamento das baterias israelenses, rompendo o “domo de ferro” em alguns pontos através da sobrecarga.

Não só isso. A capacidade de disparos coordenados e em grandes levadas demonstrada pelo Hamas, nunca antes experimentada em tão pouco tempo, gerou um elevado gasto para o Estado de Israel (HAMBLING, 2021). Enquanto o custo estimado de cada foguete palestino é de cerca de 300 dólares, construídos basicamente de tubos metálicos, e propelidos por uma mistura de fertilizante e açúcar, os mísseis interceptadores israelenses, altamente tecnológicos, tem valor unitário estimado em 100 mil dólares, sendo que para cada foguete *Qassam* dos palestinos, são lançados dois mísseis *Tamir* do *Iron Dome*, de modo a aumentar as taxas de sucesso (MISSILE THREAT, 2021). O elevado custo operacional e as falhas em deter grandes levadas de foguetes durante alguns momentos da confrontação, colocou em xeque a aclamada efetividade de 90% fama do sistema, que por sua sorte, conta ainda com a imprecisão e simplicidade dos projéteis palestinos como seu principal aliado (HAMBLING, 2021).

Precisão, no entanto, não falta às armas de ataque de Israel, com suas bombas e mísseis empregadas para retaliar os territórios palestinos duramente. Durante os dias de conflito, as imagens da destruição do prédio onde funcionavam emissoras de TV na Faixa de Gaza circularam o mundo, demonstrando o avassalador poder de destruição dessas armas. Destruição essa que também podemos associar às mais de 230 mortes nos territórios palestinos em 11 dias de confrontos, sendo que 121 delas de idosos, mulheres e crianças (EFE, 2021).

O uso de “ataques cirúrgicos” contra áreas altamente povoadas de Gaza, além dos protestos de seus habitantes, já foi alvo de questionamento de pilotos israelenses, que em 2002, após número elevado de mortes de civis em ataques ordenados pelo comando militar de Israel, assinaram um documento no qual diziam não mais aceitar tais missões, no que ficou conhecido como “a carta dos pilotos”. Esse momento de coragem contra os flagrantes crimes de Guerra que eram cometidos, infelizmente, teve poucos resultados positivos e está longe de se repetir, haja vista a repressão aos militares que participaram do movimento, considerados insubordinados e chamados de traidores pelos colegas (SPECTOR, 2010).

Enquanto isso, Israel avança sobre terras destinadas a outro povo pela partilha da ONU, fazendo uso indiscriminado da força militar em ataques “preventivos”, enquanto ignora as decisões tomadas pela Assembleia Geral e Conselho de Segurança das Nações Unidas (exceto a que criou seu Estado). Ao mesmo tempo, suas ações também não são questionadas pela maior da comunidade internacional, deixando Israel impune contra seus abusos e permitindo que aja como um Goliás no Oriente Médio, só que dessa vez dono de uma poderosa funda, enquanto oprime Davids palestinos em territórios cada vez mais reduzidos e cercados, verdadeiros guetos.



## REFERÊNCIAS

BBC. “Conflito entre Israel e palestinos: o que está acontecendo e mais 5 perguntas sobre a onda de violência”. **BBC** [19/05/2021]. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese>>. Acesso em: 07/06/2021.

EFE. “Conselho de Direitos Humanos da ONU debaterá escalada de violência em Gaza”. **EFE** [20/05/2021]. Disponível em: <<https://www.efe.com>>. Acesso em: 05/06/2021.

HAMBLING, David. “Under the Iron Dome: The problem with Israel’s Rocket Shield”. **Forbes** [12/05/2021]. Disponível em: <<https://www.forbes.com>>. Acesso em: 31/05/2021.

MISSILE THREAT. “Iron Dome (Israel)”. **Missile Threat** [2021]. Disponível em: <<https://missilethreat.csis.org>>. Acesso em: 04/06/2021.

ONU – Organização das Nações Unidas. “United Nations Charter”. **United Nations** [1945]. Disponível em: <<https://www.un.org/en/about-us/un-charter>>. Acesso em: 01/06/2021.

SPECTOR, Iftach. **Alto e Bom Som**: memórias de um piloto israelense. Rio de Janeiro: Record, 2010.



## **BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)**

Ano III | Volume 6 | Nº 18 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

### **Editor chefe:**

Elói Martins Senhoras

### **Conselho Editorial**

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

### **Conselho Científico**

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima